

JOGO DOS OBJETIVOS DE LEITURA COMO ESTRATÉGIA PARA A COMPREENSÃO LEITORA

Brendom da Cunha Lussani¹

Resumo: Este artigo discute a relação entre inferência e objetivo de leitura no processo de compreensão leitora (Oakhill, Cain e Elbro, 2017; Kleiman, 1989, 1993; Kato, 1999), apresentando o *Jogo dos Objetivos de Leitura* (JOL) como recurso didático para o desenvolvimento dessas habilidades. A partir de uma perspectiva psicolinguística e cognitiva, comprehende-se a leitura como um processo ativo de construção de sentido, em que o leitor mobiliza conhecimentos prévios, formula hipóteses e ajusta suas estratégias de acordo com o propósito que orienta a leitura (Lussani, 2024; Solé, 1998). O jogo propõe uma leitura colaborativa por meio de papéis específicos (jornalista, pesquisador, crítico literário, leitor, detetive e curioso), cada qual com uma função e um objetivo de leitura distintos. A experiência prevê que, ao diversificar as intenções e as estratégias de leitura, o aluno amplia sua capacidade inferencial, pois constroi o significado do texto a partir da troca com os demais transformando a leitura em um exercício significativo, reflexivo, prazeroso e colaborativo.

Palavras-chave: Compreensão leitora; Inferência; Objetivo de leitura; Prática pedagógica.

THE READING OBJECTIVES GAME AS A STRATEGY FOR READING COMPREHENSION

Abstract: This article examines the relationship between inference and reading purpose in the process of reading comprehension (Oakhill, Cain, & Elbro, 2017; Kleiman, 1989, 1993; Kato, 1999), presenting the *Reading Purposes Game* as a pedagogical resource for the development of these skills. Grounded in a psycholinguistic and cognitive perspective, reading is conceived as an active process of meaning construction, in which readers mobilize prior knowledge, formulate hypotheses, and adjust their strategies according to the purpose guiding the reading activity (Lussani, 2024; Solé, 1998). The game promotes collaborative reading through the assignment of specific roles (journalist,

1 Doutor em Letras (2025), com ênfase em Estudos Linguísticos e Cognição, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Mestre em Letras, com ênfase em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2021). Graduado em Letras (licenciatura) com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES (2018). Atualmente é professor de Língua Portuguesa na Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul.

researcher, literary critic, reader, detective, and curious reader), each associated with distinct functions and reading objectives. By diversifying reading intentions and strategies, the experience fosters the development of students' inferential abilities, as meaning is constructed through interaction and exchange among participants, transforming reading into a meaningful, reflective, enjoyable, and collaborative practice.

Keywords: Reading comprehension; Inference; Reading purpose; Pedagogical practice.

1 COMPREENSÃO LEITORA: PERCURSOS COGNITIVOS E ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

A leitura é uma atividade cognitiva complexa que envolve múltiplos processos simultâneos de natureza linguística, cognitiva e metacognitiva. Ler é (re)construir um código mental a partir de um código visual socialmente aceito e isso significa dizer que a leitura não se reduz à decodificação de sinais gráficos, mas à atribuição de significados que resultam da interação entre o texto e o leitor. Nesse sentido, compreender é ir além da decodificação, é ver além do que está no papel e, agora mais ainda, na tela, construindo sentido a partir da ativação de conhecimentos prévios e do propósito de leitura.

A compreensão leitora é a “coroação da boa leitura”, resultado da articulação entre processos cognitivos e metacognitivos (Lussani, 2021). Essa compreensão não ocorre de forma automática, mas a partir de estratégias conscientes e inconscientes que o leitor utiliza para monitorar o que lê. Em uma perspectiva psicolinguística, Goodman (1976) comprehende a leitura como um “jogo de adivinhação psicolinguística”, o *guessing game*, no qual o leitor formula, confirma ou refuta hipóteses a partir de pistas linguísticas e de seus conhecimentos prévios. Lussani e Carvalho (2021), demonstraram, em análise empírica, que leitores proficientes acionam constantemente processos como a predição, a inferência, o automonitoramento e a autocorreção durante a leitura de um texto literário.

O conceito de objetivo de leitura é central nesse processo: toda leitura é guiada por uma intenção, pois “tendo o objetivo de leitura claro, já que é ele que motiva e direciona a produção dos significados do texto” (Solé, 1998), o leitor é capaz de ajustar suas estratégias cognitivas e metacognitivas. Em termos pedagógicos, isso implica que o ensino da leitura deve orientar o aluno a estabelecer um propósito para cada leitura, de modo que as estratégias sejam mobilizadas em função desse propósito. O objetivo de leitura, portanto, atua como bússola cognitiva que organiza o processamento textual e guia para que o leitor possa ajustar suas rotas até o objetivo previamente determinado, anterior à leitura.

As estratégias de leitura desempenham um papel decisivo na construção da compreensão, pois permitem ao leitor tomar decisões diante do texto. As estratégias de leitura “podem ser técnicas conscientes controladas pelo leitor ou processos inconscientes aplicados automaticamente” (Barnett, 1989, p. 66). Entre as principais estratégias descritas pelo autor estão o *skimming* (leitura global para captar a ideia geral do texto), o *scanning* (busca de informação específica), a leitura detalhada, a predição e a inferência. A utilização combinada dessas estratégias favorece a fluidez

da leitura e a construção de inferências coerentes, como evidenciado em nas análises de alunos e leitores em contextos reais.

Lussani e Carvalho (2021), observaram que o leitor, ao longo da leitura do conto “O homem da favela”, de Manuel Lobato, pode ativar simultaneamente estratégias de *skimming*, *scanning* e automonitoramento, reformula hipóteses e ajustando interpretações conforme o texto evolui. Esse percurso demonstra que a justa compreensão é um processo dinâmico, sustentado por inferências constantes e pela capacidade de revisar interpretações diante de novas informações. Para os autores, “a leitura é uma atividade ativa e visa à compreensão do lido”, o que implica que o sentido não está apenas no texto, mas é uma cooperação entre autor e leitor, mediada pelo texto.

Sob a ótica cognitiva, compreender um texto exige articular informações explícitas com inferências; conforme Goodman (1991), o significado não reside no próprio texto, mas é produzido pelo autor no ato de escrever e reconstruído pelo leitor durante a leitura. Essa perspectiva interacionista, que considera o papel ativo do leitor, alinha-se à ideia de que compreender exige constante autorregulação, ou seja, saber quando não se comprehende, como recuperar o sentido e quais procedimentos adotar para superá-lo (Kleiman, 1993). Assim, a compreensão leitora é tanto um ato de cognição quanto de metacognição.

Além disso, a predição, amplamente discutida por Lussani (2021; 2024), revela-se uma das estratégias mais potentes na construção de sentido. O leitor proficiente é aquele que “faz mais adivinhações acertadas”, pois mobiliza suas experiências e conhecimentos para antecipar significados e testar hipóteses. Essa competência não é apenas linguística, mas também inferencial, pois o leitor precisa correlacionar elementos textuais e extratextuais para validar suas interpretações.

Em termos pedagógicos, as pesquisas de Lussani (2024) mostram que propor atividades que estimulem a predição e a inferência (como a leitura segmentada de textos) desenvolve a consciência leitora e amplia a autonomia interpretativa dos alunos. A leitura guiada por objetivos claros e sustentada por estratégias cognitivas e metacognitivas favorece o desenvolvimento da compreensão leitora e consolida o leitor como sujeito ativo na construção do sentido.

Em síntese, a compreensão leitora depende da articulação entre objetivos de leitura, estratégias cognitivas e metacognitivas e processos inferenciais. Entende-se que “ler é significar o código visual em um código mental dirigindo-se a um significado” (Lussani, 2024, p. 303), reafirma-se que a leitura é um processo de construção ativa de sentido, em que o leitor mobiliza conhecimentos, formula hipóteses, monitora sua compreensão e a reconstrói continuamente. Assim, ensinar a ler é, sobretudo, ensinar a compreender; e compreender é aprender a pensar sobre o que se lê.

2 INFERÊNCIA E OBJETIVOS DE LEITURA: CONEXÕES COGNITIVAS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

A compreensão leitora é resultado de um processo complexo que envolve a articulação entre o texto, o leitor e o contexto. O ato de ler é fazer uso das faculdades mentais, psíquicas, sociais, atencionais e linguísticas para significar uma mensagem e nesse processo, dois elementos assumem papel central: a inferência e o objetivo de leitura. Ambos atuam como mecanismos reguladores da compreensão, pois permitem ao leitor construir e integrar sentidos a partir das informações explícitas e implícitas do texto.

A inferência é uma das operações cognitivas mais sofisticadas da leitura, consistindo na produção de informações novas com base em conhecimentos prévios e pistas textuais. Lussani (2024, p. 43) define-a como “uma operação mental pela qual o leitor parte de seus conhecimentos prévios para realizar afirmações sobre determinada informação apresentada no texto, mas que não está explicitamente expressa”. Essa definição aproxima-se da perspectiva de Kintsch (1988, 1998), para quem compreender um texto implica construir um modelo mental a partir da integração entre as proposições textuais e as informações armazenadas na memória de longo prazo. Em outras palavras, a inferência é o elo entre o que o texto diz e o que o leitor sabe.

Autores como Koch (1997) e Coscarelli (2002) também reforçam a natureza integradora do processo inferencial: compreender é “estabelecer uma relação não explícita no texto entre dois elementos desse texto”, operação que depende da ativação do conhecimento de mundo do leitor. Assim, as inferências são responsáveis por preencher lacunas de sentido e garantir a coerência local e global do texto, o que Kintsch e Van Dijk (1978) denominaram de articulação entre micro e macroestruturas textuais. Para Lussani (2024), é precisamente essa capacidade de “romper os limites do texto” que distingue o leitor proficiente, capaz de relacionar informações, monitorar hipóteses e reconstruir sentidos de forma autônoma.

Entretanto, a produção de inferências não ocorre de maneira aleatória: ela é orientada por um objetivo de leitura, isto é, pela intenção que guia o leitor diante de determinado texto. Conforme lembra Solé (1998, p. 42), “saber o que se pretende fazer ou o que pretendemos com uma atuação é o que nos permite atribuir-lhe sentido”. O objetivo de leitura atua, portanto, como um norte cognitivo que define quais informações o leitor buscará e como fará uso delas. Giasson (2000) afirma que a compreensão e a retenção do conteúdo textual dependem do modo como o leitor conduz sua leitura, o qual é fortemente determinado pelo propósito que a orienta.

No campo da Psicolinguística, a compreensão resulta da interação entre o objetivo de leitura e os processos inferenciais. Quando o leitor lê com uma finalidade específica, seja para aprender, localizar informações ou propor soluções, ele aciona estratégias cognitivas que favorecem a formulação de inferências adequadas ao propósito da leitura. Leitores que possuem objetivos claros tendem a construir inferências mais consistentes e coerentes com o texto, segundo Lussani (2024), o que repercute diretamente na qualidade da compreensão.

Essa articulação entre objetivo e inferência está intimamente ligada à noção de *monitoramento da compreensão* (Kleiman, 1989, 1993; Kato, 1999), na qual o leitor avalia continuamente se o que comprehende condiz com o objetivo que persegue. O leitor eficiente é aquele que comprehende o texto porque antevê seu desenvolvimento, mobilizando inferências lógicas, pragmáticas e criativas para preencher lacunas e reorganizar significados. Tal competência é o que Marcuschi (2008) denomina de “processo cognitivo de representação semântica”, no qual o leitor produz novas informações a partir da integração entre texto e experiência.

Sob essa perspectiva, a inferência pode ser vista como a materialização cognitiva do objetivo de leitura. É o objetivo que orienta o tipo de inferência a ser feita, se o leitor busca informações específicas, fará inferências locais e literais; se lê para resolver um problema, realizará inferências elaborativas e criativas. A leitura é um processo de integração entre o conhecimento prévio do leitor e as informações subentendidas no texto e é justamente nessa integração que o objetivo de leitura atua como mediador das escolhas inferenciais.

Do ponto de vista pedagógico, compreender a relação entre inferência e objetivo de leitura é essencial para o ensino da leitura significativa. Solé (1998) e Giasson (2000) defendem que as atividades de leitura devem propor finalidades explícitas e diversificadas, pois o leitor “precisa saber o que quer e o que precisa fazer”. Quando o objetivo é definido, a leitura se torna mais autônoma e motivadora, o leitor se envolve cognitivamente com o texto e constrói inferências mais profundas, ancoradas em seus conhecimentos prévios.

Assim, conclui-se que ler é significar o código visual em um código mental dirigindo-se a um significado. Essa direção cognitiva é dada tanto pelo objetivo de leitura quanto pela capacidade inferencial do leitor. Inferir, portanto, não é apenas compreender o que está nas entrelinhas, mas orientar-se pelo propósito que conduz a leitura. A interação entre esses dois elementos é o que sustenta a compreensão leitora e transforma a leitura em um exercício ativo de pensamento.

3 O JOGO DOS OBJETIVOS DE LEITURA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO LEITORA

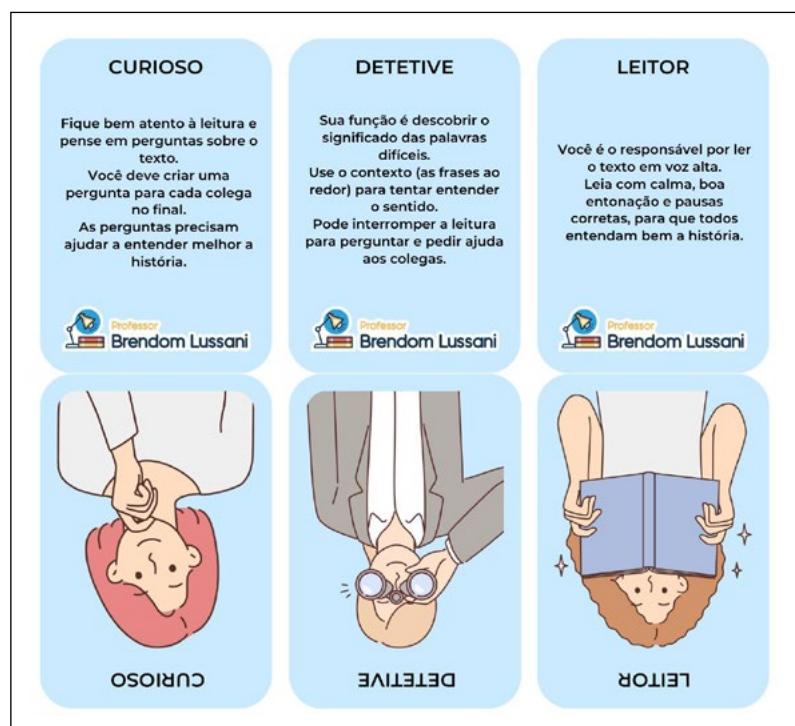
O ensino da leitura, sob uma perspectiva psicolinguística, demanda que o aluno comprehenda o texto não como um conjunto de palavras a serem decodificadas, mas como um espaço de interação e construção de sentidos. Tomando a leitura como um processo de integração entre o conhecimento prévio do leitor e as informações subentendidas no texto, o que significa que compreender implica ativar saberes anteriores, formular hipóteses e estabelecer relações inferenciais. Nessa lógica, propor situações em que o aluno tenha um propósito de leitura definido de leitura é uma forma de estimular processos cognitivos e metacognitivos que sustentam a compreensão.

O *Jogo dos Objetivos de Leitura* (JOL) nasce da compreensão de que a leitura compartilhada possibilita o acesso a saberes distintos, uma vez que diferentes

leitores mobilizam conhecimentos, experiências e estratégias variadas diante de um mesmo texto. Parte-se, ainda, da concepção de que a leitura constitui um trabalho essencialmente colaborativo, no qual a construção de sentidos se dá por meio da interação, da troca e da negociação de interpretações. Nesse contexto, o JOL propõe que os alunos leiam a partir de um objetivo específico, orientando o foco da atenção e a mobilização de saberes linguísticos, cognitivos e discursivos necessários para que esse objetivo seja alcançado. Inspirado na concepção de Solé (1998), segundo a qual a compreensão leitora depende do reconhecimento dos objetivos da leitura, o jogo organiza a atividade leitora por meio da atribuição de papéis com diferentes funções, de modo que cada aluno assuma uma postura cognitiva específica diante do texto.

A dinâmica do jogo é simples e ao mesmo tempo profundamente significativa: a turma é dividida em grupos de seis alunos, e cada participante recebe um cartão (*flashcard*) com um perfil leitor e instruções específicas (Imagen 1 e 2). Cada perfil leitor corresponde a um objetivo de leitura e a um conjunto distinto de operações mentais. Assim, todos leem o mesmo texto, mas a partir de diferentes finalidades, o que faz com que cada leitura se torne única, ampliando a compreensão coletiva no momento da partilha.

Imagen 1: Perfis de leitor *Curioso, Detetive e Leitor*



Fonte: Autor (2025).

Imagen 2: Perfis de leitor *Crítico Literário, Pesquisador e Jornalista*



Fonte: Autor (2025).

Dentre os perfis leitores que compõem o jogo estão:

- **Curioso** – observa atentamente o texto e elabora perguntas para os colegas sobre o que foi lido. As perguntas devem ser relevantes para a compreensão e poderão ser feitas ao final da leitura. Essa função ativa o monitoramento da compreensão, pois, como afirma Lussani (2024), compreender exige verificar constantemente se “as informações apresentadas estão coesas e coerentes entre si”. O Curioso é, portanto, o leitor que instiga o grupo a pensar sobre o texto.
- **Crítico literário** – realiza uma avaliação interpretativa do texto, expressando opiniões sobre o enredo, as personagens, o vocabulário e o desfecho. Essa função estimula inferências avaliativas e a formação de juízos críticos, elementos que, segundo Marcuschi (2008), caracterizam a compreensão como processo ativo e criativo.
- **Detetive** – tem como missão descobrir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto, podendo interromper a leitura para compartilhar suas hipóteses. Essa função mobiliza inferências lexicais e contextuais, exatamente como descrevem Oakhill, Cain e Elbro (2017), para quem “a inferência apoia-se no texto, mas ultrapassa as informações

explícitas”. Ao atuar como detetive, o aluno exercita a autonomia interpretativa e a construção de hipóteses de sentido.

- **Jornalista** – responsável por identificar as ideias principais e elaborar um **resumo** do texto, retomando as informações essenciais e respeitando a sequência lógica dos acontecimentos. Essa função estimula a formulação de macroproposições, conforme o modelo de compreensão textual de van Dijk e Kintsch (1978), em que o leitor precisa selecionar, generalizar e construir proposições relevantes para sintetizar o sentido global do texto.
- **Leitor** – responsável por fazer a leitura oral do texto, com entonação, ritmo e pausas adequadas. Embora pareça uma tarefa mecânica, a leitura em voz alta é uma prática que aprimora a fluência, a decodificação e o controle prosódico, componentes essenciais para liberar a atenção cognitiva voltada à compreensão, conforme destacam Kato (1999) e Kleiman (1993).
- **Pesquisador** – encarregado de registrar expressões figuradas, metáforas, comparações e recursos de estilo que embelezam a linguagem. Essa função valoriza a dimensão estética e linguística do texto, convidando o aluno a inferir sentidos conotativos e a compreender como os recursos expressivos constroem significado. Ao investigar a linguagem, o leitor também desenvolve a consciência lexical e semântica, aspectos apontados por Lussani (2025) como fundamentais à compreensão.

Durante o jogo, cada participante executa seu papel enquanto todos leem o mesmo texto. Ao final, ocorre a etapa de socialização, em que os alunos compartilham suas anotações e percepções. Nesse momento, o sentido do texto é reconstruído coletivamente: o resumo do *Jornalista* se une à análise do *Pesquisador*, à crítica do *Leitor* e às hipóteses do *Detetive*, compondo uma leitura múltipla e colaborativa. Assim, se compreender é “integrar informações explícitas e inferidas” (Lussani, 2025), o jogo concretiza essa integração ao permitir que diferentes olhares e estratégias convirjam para um mesmo objeto textual.

Além de favorecer a compreensão leitora, o jogo estimula a metacognição, pois cada aluno precisa refletir sobre *como* lê e *para que* lê. Ao assumir um papel, o estudante é convidado a ajustar sua postura leitora ao objetivo proposto, o que desenvolve a consciência de suas próprias estratégias, habilidade essencial para o leitor proficiente (Kleiman, 1993).

O JOL alia fundamentação teórica e prática pedagógica, oferecendo uma metodologia ativa que integra leitura, inferência e propósito. Trata-se de uma proposta que transforma a leitura em uma atividade investigativa, crítica e prazerosa, em que o texto deixa de ser um objeto distante e passa a ser um espaço de diálogo e descoberta. Como resume Lussani (2024, p. 57), “ler é fazer uso das faculdades mentais, psíquicas, sociais, atencionais e linguísticas para significar uma mensagem” — e o jogo propicia exatamente isso: o exercício consciente e coletivo de dar sentido ao que se lê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender um texto é um ato de construção de sentido que envolve o leitor como sujeito ativo, capaz de mobilizar conhecimentos, formular hipóteses e estabelecer relações entre o dito e o subentendido. O trabalho entre a inferência e os objetivos de leitura, nesse contexto, permite reconhecer que a compreensão leitora não é um produto da leitura, mas um processo em constante elaboração, orientado pela intenção e pelas estratégias cognitivas tomadas pelo leitor.

O *Jogo dos Objetivos de Leitura* permite que essa concepção de leitor se faça de maneira concreta e significativa. Ao propor que cada aluno assuma um papel e leia com uma finalidade específica, o jogo transforma a leitura em uma atividade orientada, reflexiva e cooperativa. As funções de *jornalista*, *pesquisador*, *crítico literário*, *leitor*, *detetive* e *curioso* tornam-se materialização das múltiplas formas de interação que o leitor precisa estabelecer com o texto e com os colegas, mostrando que compreender também é dialogar.

Além de favorecer a apropriação de estratégias cognitivas e inferenciais, o jogo desperta o interesse pela leitura e promove o engajamento coletivo, dois elementos essenciais para formar leitores competentes e críticos. Por se tratar de uma atividade lúdica, a proposta não se opõe ao rigor cognitivo da tarefa; ao contrário, amplia a consciência sobre o ato de ler e estimula o desenvolvimento de habilidades de análise, síntese e interpretação.

Assim, o *Jogo dos Objetivos de Leitura* configura-se como uma prática pedagógica que alia teoria e experiência, reflexão e prazer. Ele concretiza a ideia de que ensinar a ler é ensinar a pensar e que compreender é, acima de tudo, aprender a significar o mundo por meio das palavras.

REFERÊNCIAS

- BARNETT, Marva A. **Mais do que aparenta**: leitura de línguas estrangeiras. Língua e Educação: Teoria e Prática. Regent Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ 07632., 1989.
- BROWN, A. L. Metacognitive development and reading. In: SPIRO, R. J.; BRUCE, B.; BREWER, W. (org.). *Theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1980. p. 453- 482.
- COSCARELLI, Carla Viana. **O ensino da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, Maceió, v. 19, p. 163-174, dez. 1996. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/PUCSBPC.pdf>.
- COSCARELLI, Carla Viana. Reflexões sobre as inferências. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 6., 2002, Belo Horizonte. **Anais** [...] [Belo Horizonte]: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p. 1-15. 1 CD-ROM.
- GIASSON, Jocelyne. **A compreensão na leitura**. Tradução de Maria José Frias. 2.ed. Porto: ASA, 2000.

GOODMAN, Kenneth S. Um jogo psicolinguístico de adivinhação. In: SINGER, Harry; RUDDELL, Robert B. (org.) *Theoretical models and processes of reading*. v. 2. Newark: International Reading Association, 1976. p. 259-271.

GOODMAN, Kenneth S. Unidade na leitura: um modelo psicolinguístico transacional. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 9-43, dez. 1991.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes: 1999.

KINTSCH, Walter; VAN DIJK, Teun A. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*, v. 85, n. 5, p. 363-394, 1978.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: UNICAMP, 1993.

LOBATO, Manoel. O homem da favela. In: LEITE, Alcione Ribeiro (org.). **O fino do conto**. Belo Horizonte: RHJ, 1989.

LUSSANI, Brendom da Cunha; CARVALHO, Roberta Silveira. O guessing game e o texto literário. *Letrônica*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. e38744, 2021. DOI: 10.15448/1984-4301.2021.2.38744. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/38744>. Acesso em: 9 nov. 2025.

LUSSANI, Brendom da Cunha. **Desenvolvimento da compreensão leitora com foco na estratégia de inferência no ano final do ensino fundamental**. 2021. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LUSSANI, Brendom da Cunha. **Léxico, inferência e compreensão**: percursos cognitivos na leitura de alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental. 2025. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/4020>. Acesso em: 03 de nov. 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OAKHILL, Jane; CAIN, Kate; ELBRO, Carsten. **Compreensão de leitura: teoria e prática**. Tradução de Adail Sobral. 1. ed. São Paulo: Hogrefe CETEPP, 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.